A PSICOSE E SEUS MODOS DE SEXUAÇÃO

*Rogério Paes Henriques**

RESUMO

Expõe-se aqui a psicose clássica, "freudo-lacaniana", formulada por Lacan — a partir da herança freudiana — em sua clínica lingüístico-estrutural na década de 1950, cujo caso paradigmático é Schreber, e a "psicose lacano-milleriana", surgida com a clínica borromeana de Lacan em meados da década de 1970 com base no *sinthoma* joyceano, denominada recentemente "psicose ordinária", segundo as análises contemporâneas dos teóricos ligados ao Campo Freudiano. Pretende-se estabelecer uma análise comparativa entre esses dois conceitos com ênfase nos seus modos de sexuação e suplência.

PALAVRAS-CHAVE: psicose clássica; psicose ordinária; sexuação; suplência.

*Professor adjunto do Departamento de Psicologia e do Núcleo de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal de Sergipe/UFS. Tutor da *Residência Integrada Multiprofissional em Saúde* do Hospital Universitário da UFS. Psicólogo (1999), Mestre (2003) e Doutor (2008) pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS/UERJ).

End. para correspondência: Av. prof. Acrísio Cruz, 30/503, Salgado Filho, Aracaju/SE, 49020-210
rsphenriques@hotmail.com

1. A psicose clássica

Polônio, ato II, cena I, de *Hamlet*, afirma sobre o príncipe da Dinamarca: "Embora seja loucura, há nela certo método". Herdeiro francófono do espólio freudiano, que tem Shakespeare como um de seus avatares, Lacan ousa na década de 1950 uma empreitada: a extração do "método" da loucura, com base na sua teorização lingüístico-estrutural sobre a psicose. Trata-se da análise de Daniel Paul Schreber[1], retomada por Lacan durante seu seminário sobre as psicoses de 1955-56, cujo corolário aparece em 1959 com a publicação de *De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses*. Em seu famoso "retorno a Freud", Lacan construiu o arcabouço teórico-conceitual daquilo a que denominei "psicose freudo-lacaniana" ou psicose clássica, desencadeada, à la Schreber.

Pautado numa abordagem estruturalista, Lacan apresenta, na década de 1950, a psicose segundo o viés deficitário, bem ao gosto do saber psiquiátrico do qual era signatário, apesar de seus esforços de dele se afastar, desde a conclusão de sua tese de doutorado em psiquiatria, de 1932, sobre a "paranóia de autopunição" (Lacan, [1932]). Segundo seu sistema lingüístico-estrutural, a psicose resulta de uma falha na simbolização que impede a assunção do sujeito falante (ser da linguagem)[2], remetendo-se a não travessia da epopéia edipiana. Sendo o inconsciente freudiano estruturado como uma linguagem, há a necessidade da inscrição subjetiva de um significante primordial que o fundaria. A tal significante Lacan o designa de "Nome-do-Pai" (o pai como símbolo), que representa o pai morto de *Totem e Tabu* (Freud, [1913]), fundador da interdição. Como terceiro elemento a interditar a relação caprichosa entre a mãe e a criança, o Nome-do-Pai promove a separação entre ambas. Este significante é transmitido à criança pela mãe, vindo metaforizar a sua ausência, isto é, seu desejo, cuja falta é significada pelo operador fálico. Pelo efeito de significação do desejo materno, ou seja, da falta constituinte do ser então transmitida à criança pela mãe (a castração, inscrita como - φ), o falo promove a assunção da diferenciação sexual, deslocando a problemática da criança de "ser o falo" materno para "tê-lo (homem) ou não tê-lo (mulher)". Acontece que, nos casos de psicose, o significante Nome-do-Pai encontra-se

[1] A quem devemos, nas palavras do próprio autor, uma "(...) das obras mais interessantes que já foram escritas desde que o mundo existe" (Schreber, [1903], p. 304). Trata-se de sua autobiografia intitulada *Memórias de um doente dos nervos*, uma das mais famosas obras literárias integrantes da loucura.

[2] "Se o neurótico habita a linguagem, o psicótico é habitado, possuído, pela linguagem" (Lacan, [1955-56], p. 284)

foracluído[3], acarretando como conseqüência lógica a elisão da significação fálica ($P_0 \rightarrow \Phi_0$). Como o falo é o significante do sexo e da vida, o psicótico, privado dele, estaria desbussolado na esfera sexual e existencial.

Por não ter acesso ao falo, significante que lhe traz efeito de significação sobre seu sexo, o psicótico se encontra numa problemática fora-do-sexo, pois, não tendo essa referência, ele não se situa na partilha dos sexos. O psicótico é um sujeito *ex-sexo*, no sentido de sua sexualidade situar-se fora de todo campo demarcável pelo simbólico. Assim, a questão homossexual da paranóia apreendida por Freud [1911], em seu ensaio clínico sobre Schreber, é menos uma causa do que um dos efeitos da falta da inclusão do Nome-do-Pai no Outro. Trata-se, pois, de um fenômeno imaginário que em nada se assemelha à homossexualidade neurótica ou perversa, pois, sendo o psicótico *ex-sexo*, sua problemática não é *homo* mas, como a situa Lacan, *transexual* — no sentido etimológico do termo: para além dos sexos. Por não ter acesso ao significante que lhe permitiria situar-se como homem na repartição dos sexos e por dever ser o falo, Schreber é levado a situar-se delirantemente do lado da mulher (*Girl = Phallus*, conforme a equação de Otto Fenichel): "(...) não é por estar foracluído do pênis, mas por ter que ser o falo, que o paciente estará fadado a se tornar uma mulher (...) na impossibilidade de ser o falo que falta à mãe, resta-lhe [a Schreber] a solução de ser a mulher que falta aos homens" (Lacan, [1959], p. 571-572). Isto é o que Lacan [1973] caracterizaria, mais tarde, como o efeito do "empuxo-à-mulher" da psicose, uma espécie de movimento de retorno: $\Phi_0 \rightarrow$ A Mulher[4]. Dessa forma, Schreber veio a se restabelecer por intermédio da modulação de seu "gozo transexual" associado à "coordenada da copulação divina", isto é, o cultivo de sua volúpia feminina visando à *Entmannung*[5] e à redenção do universo (Lacan, [1959], p. 575). Com isso, Schreber tornou-se a "mulher de Deus", estabilizando-se nessa metáfora delirante.

---

[3] Galicismo advindo do francês *forclusion*, proposto por Lacan como tradução do verbete alemão *Verwerfung* de Freud (Lacan, [1955-56], p. 360). Rabinovitch (2001) assinala que tanto em alemão quanto em francês, "(...) *Verwerfung* e foraclusão [*forclusion*] são termos originários da área jurídica" (p. 16), usados como referência a um processo cujo prazo legal de recursos já se expirou; afirma, também, que "Foracluir consiste (...) em expulsar alguém para fora das leis da linguagem" (p. 17) e que "*Verwerfen* é jogar fora (*werfen*) definitivamente (...)" (p. 33). O correspondente em português seria "preclusão".

[4] Segundo Lacan, "A Mulher" (a mulher-toda) não possui representação significante, de modo que sua foraclusão do simbólico tende para o psicótico a fazer retorno no real. Ver fórmulas da sexuação (Lacan, [1972-73]).

[5] *Entmannung* significaria "desmasculinização", "desvirilização", e não "emasculação" (castração), como foi traduzido nas *Memórias* de Schreber.

A metáfora delirante é o significante que, tal como o Nome-do-Pai, tem função de ponto de basta, induzindo efeitos de significação. Ela introduz uma ordem no significante, permitindo ao sujeito psicótico ter acesso à significação não-fálica. Nesse sentido, possibilita uma estabilização, porém, sempre precária. Soler assinala que

> Podemos escrever a metáfora delirante de Schreber e seus efeitos no imaginário. Ali onde faltava o Nome-do-Pai vem o I maiúsculo do ideal, que o próprio Schreber designa pela expressão 'ordem do universo' [*Weltordnung*], e, em seu delírio, Schreber torna-se o esteio, o derradeiro esteio da ordem do universo, I/NP [= Ordem do Universo/NP_0]. No imaginário, na significação, ali onde faltava o falo vem uma significação de suplência que é ser a mulher de Deus = M. de Deus/Φ_0. Assim é perfeitamente possível escrevermos, de maneira homóloga àquela como se escreve a metáfora paterna com o algoritmo significante/significado, a metáfora delirante de Schreber. No fundo, essa metáfora tem uma função manifesta de limite. Ela faz o delírio entrar nas fronteiras precisas que o parcializam (Soler, [1992], p. 201).

Num esforço de esquematização, Quinet (2006, p. 143) propõe o seguinte quadro explicativo:

Schreber	
Imaginário	Simbólico
Eu corpo Φ_0 gozo transexual transformação em mulher [*Entmannung*]	Outro Deus NP_0 Ordem do mundo [*Weltordnung*]

2. Psicose e contemporaneidade

O atual contexto sócio-histórico insere-se numa discussão acerca do que Lyotard (1998) chamou de "pós-modernidade" [6], caracterizando-se, dentre outros aspectos, pelo fim das grandes narrativas. Assim, segundo Foucault (1992), Freud e Marx foram *autores* modernos que criaram grandes narrativas, isto é, cada qual ao seu modo instaurou uma nova discursividade fundada em seu nome próprio — daí o famoso

[6] Deixarei aos *experts* a acalorada discussão sociológica sobre a descontinuidade histórica (imbutida no conceito de "pós-modernidade") ou continuidade histórica (suposta nas teses sobre a "hipermodernidade", a "modernidade tardia" etc.), que o mundo contemporâneo representaria. Fato é que tanto os teóricos "continuístas" quanto os "não-continuístas" apontam para mudanças substanciais que vêm ocorrendo no mundo atual as quais, se não assinalam uma ruptura qualitativa entre a Era Moderna e um para-além dela, indicam uma alteração quantitativa significativa digna de nota.

movimento empreendido por Lacan de "retorno a" Freud. Isso só foi possível porque Freud atrelou sua obra psicanalítica ao seu nome próprio, conferindo-lhe um registro autoral e lhe atribuindo uma dimensão auto-referencial com pretensões universais, justamente o que teria se apagado na atualidade com o declínio das teses universalistas e a ascensão dos relativismos pós-modernos; com a "morte do autor", proclamada pela pós-modernidade, sucedeu-se à produção de saber anônima e fragmentada pelas redes de pesquisa acadêmicas. Basta uma olhadela nos parâmetros atuais de avaliação da produção acadêmica propostos no Brasil para perceber que o modelo privilegiado é o da produção científica de massa, em detrimento da produção intelectual autoral; tal exigência de anonimato faz supor a existência de pesquisadores "sem-qualidades", no sentido que Jacques-Alain Miller confere a essa expressão. Na atualidade,

> O significante mestre, base da identificação, vacila, apaga-se ou é rebaixado. O índice mais evidente dessa nova configuração de valores é a quase inexistência de homens excepcionais. No lugar dos grandes inventores, escritores, governantes, políticos e visionários, a cena pública exibe hoje, sem pudor, uma grande quantidade de personagens medíocres, de cultura de massa, de governantes impotentes, de políticos corruptos, de homens míopes e manipuladores (Santos, 2008).

O pós–moderno se mostra na desestruturação dos saberes estabelecidos, no anonimato do modo de vida atual, produzindo laços sociais desarrumados e novos sintomas. Não vivemos mais sob o reinado do pai, nem sob a égide dos ideais; ao declínio da função paterna e à multiplicação do discurso do mestre corresponde um sujeito sem referências, desbussolado, disperso no anonimato de uma cultura massificadora.

Ora, se o sujeito se modifica em função das contingências sócio-históricas que privilegiam determinadas formas de experiência e de existência em detrimento de outras (daí a noção de "processo de subjetivação" inspirada em Michel Foucault) ou, em termos lacanianos, se novos laços sociais ocasionam mudanças no psiquismo e formação de novos sintomas, as manifestações psicóticas acompanham tais vicissitudes. Suponho aqui que a chamada "psicose ordinária" seria a modalidade de apresentação prototípica da psicose na contemporaneidade, na era do Outro que não existe. Nesse sentido, a psicose ordinária é concebida por Éric Laurent como sendo a psicose da era da democracia, quando levada em consideração a psicose de massa[7] (In Miller et. al., [1999], p. 224).

[7] Sobre o desenvolvimento específico dessa questão, ver Voruz (2009).

Qual seria, então, a posição dos psicóticos ordinários frente à sexuação, sem a garantia do simbólico? Se Schreber pôde assumir o lugar da exceção, d'*A Mulher* de Deus, estabilizando-se via metáfora delirante e dando um tratamento significante ao seu gozo, como os psicóticos ordinários modulariam o gozo na contemporaneidade, respondendo à não-diferenciação sexual na psicose?

3. A psicose ordinária

3.1. *Definição do conceito de psicose ordinária*

Vários artigos já abordaram a historiografia do conceito de psicose ordinária, portanto, não me aterei a esse aspecto. Seu criador, Jacques-Alain Miller, isolou três momentos retrospectivos de um *work in progress*, talvez numa analogia implícita com os três tempos lógicos do complexo de Édipo descritos por Lacan ([1957-58], cap. X; XI) (alienação → separação → declínio), sugerindo uma travessia bem sucedida de uma epopéia referente à gênese de um novo conceito. Trata-se de três encontros anuais das Sessões Clínicas francófonas do Instituto do Campo Freudiano, ocorridos no fim da década de 1990 (In: Miller et al., [1999], p. 200-204). Passemos, então, a sua definição.

Se na psicose tradicional tratava-se de desencadeamento, sintomatologia e estabilização clássicas, cujo modelo paradigmático é o de Schreber, a psicose ordinária aproxima-se mais: (1) da "pré-psicose", tal como denominou Lacan em seu seminário de 1955-56 a "psicose não-desencadeada" (ao menos não à maneira clássica), muito embora sem se confundir com esta[8]; (2) da sintomatologia discreta dos "fenômenos de franja ou de borda", que requerem a busca por pequenos sinais de "uma desordem provocada na junção mais íntima do sentimento de vida do sujeito" (Lacan, [1959], p. 565) — desordem essa localizada na junção entre o pensamento e o corpo; (3) da ampliação das formas de estabilização da psicose, cujas "suplências" ocorrem para aquém e além da metáfora delirante (voltaremos a esse ponto no tópico 3).

[8] "A abordagem da psicose ordinária não saberia se confundir com a da pré-psicose (...), pois a psicose clínica não está em germe na estrutura. Ela é somente uma possibilidade que se atualizará eventualmente por ocasião dos maus encontros. A identificação da estrutura psicótica fora do desencadeamento não é redutível ao discernimento dos fatos mórbidos iniciais" (Maleval, 2003, p. 6; tradução nossa). Não entrarei aqui nos meandros da discussão sobre o desencadeamento ou não das psicoses ordinárias [ver o eixo temático da Convenção de Antibes, *O neo-desencadeamento*, em Miller et. al ([1999], p. 17-82; p. 205-239]. Assinalo tão-somente que as psicoses ordinárias não se desencadeiam à maneira clássica, segundo a seqüência temporal: 1º) chamado ao significante foracluído do Nome-do-Pai; 2º) formação de P_0; 3º) formação de Φ_0 (Um-pai → P_0 → Φ_0), tal como estabelecido por Lacan na década de 1950.

Maleval (2003, p. 20) assinala que a psicose ordinária requer um diagnóstico duplo para ser identificada: por um lado, a busca por sinais da falha no nó borromeano na estrutura psíquica e, por outro, o esforço inventivo empreendido pelo sujeito para compensar essa falha[9].

O maior indício para se apreender a estrutura psicótica, segundo Maleval (2003, p. 20-33), seria os traços da não-extração do *objeto a*[10], que implica conexões inadequadas do real com o simbólico e o imaginário, revelando a incapacidade de se limitar o gozo. Daí **a emergência de um gozo fora do limite fálico**, chamado "gozo do Outro" ou "Outro gozo"; trata-se do gozo feminino com o qual o sujeito tende a se identificar como efeito do **empuxo-à-mulher**, apresentando-se tanto no homem (varia desde a crença em ser homossexual, assumindo uma posição passiva e feminina, à transexualização) quanto na mulher (indo do delírio de tornar-se "A Mulher", não marcada pela castração, afirmando-se, por ex., como "a mãe única e a virgem eterna", ao espectro que abrange desde a impressão de masculinidade até a transexualização[11]); representa uma tentativa do sujeito, identificado ao gozo do Outro, de significantizar essa posição, construindo um semblante e escapando assim da melancolização. Por sua vez, a **carência da fantasia fundamental** provoca efeitos de inconsistência afetiva e corporal, a qual tende a ser compensada pelo sujeito com uma espécie de preocupação obsessiva com a auto-imagem (próximo à dismorfofobia psicótica)[12] e correlata compulsão por se examinar diante de superfícies refletoras, designada **sinal do espelho**.

Além disso, Maleval (2003, p. 33-39) assinala as falhas discretas do ponto de basta, correspondentes à falha no nó do simbólico com o real e o imaginário. Tratam-se dos distúrbios do pensamento e da linguagem, tão enfatizados por Lacan na década de 1950[13], os quais, na psicose ordinária, ganham um tom menos exuberante. A ausência de

[9] Se na década de 1950, Lacan apregoava a primazia do simbólico sobre o real e o imaginário, a partir da década de 1970, abole-se a hierarquização entre os três registros psíquicos e se enfatiza a amarração adicional deles, sendo as falhas nessa amarração, bem como as tentativas de compensá-las, que passam a indicar a presença ou não de psicose.

[10] Na leitura lacaniana, o "*objeto a*" apresenta duas valências: uma como *agalma* platônico (objeto causa de desejo) e outra como rebotalho ou dejeto (objeto mais-de-gozar).

[11] Ver o caso clínico "Já não sou uma mulher" (In: Miller et al., [1999], p. 177-181) e o breve relato de um caso de transexualidade feminina psicótica (Ibid., p. 67).

[12] Diante dos exemplos clínicos ilustrativos descritos por Maleval, não pudemos evitar a constatação da semelhança deles com o episódio do nariz no caso do Homem dos Lobos, analisado por Sigmund Freud [1918] e Ruth Mack Brunswick [1928]. Ver também Escars (2005). Há toda uma discussão na Convenção de Antibes sobre os fenômenos de corpo das psicoses ordinárias, designados "neo-conversões", numa aproximação comparativa com as conversões histéricas e com os fenômenos psicossomáticos: ver Miller et. al ([1999], p. 85-128; p. 241-274).

[13] "Eu me recusei a dar o diagnóstico de psicose [a um caso específico] por uma razão decisiva, é que não havia nenhuma dessas perturbações que constituem o objeto de nosso estudo este ano, e que são os distúrbios na ordem da linguagem. Devemos exigir, antes de dar o diagnóstico de psicose, a presença

referências fálicas no campo da linguagem e a conseqüente quebra ou relaxamento da cadeia significante confere inconsistência ao pensamento e à fala do psicótico ordinário, daí suas freqüentes queixas de pensar de modo fragmentado e de emitir uma "fala vazia", por mais que se fale compulsivamente em alguns casos — a questão se desloca aqui da ausente inibição da fala para o *nonsense* (o "sentido gozado" como *nonsense*) que essa fala porta. Devido à falta de conexão entre o gozo e a fala, aparecem fenômenos de irrupção da letra, tais como **intrusões de expressões parasitas no pensamento** e **emergência discreta de vocábulos neológicos na fala**[14]. A discrição desses fenômenos, facilmente confundíveis com o não-patológico[15], requer cautela e seu valor semiológico insere-se num contexto mais amplo, associado aos fatores anteriormente descritos como índices da não-extração do *objeto a*. Destaque, ainda, para as suplências associadas às atividades de escritura, que envolvem o gosto dos psicóticos pelos jogos da letra (palavras-cruzadas e afins, programas de TV que envolvem números e letras, anagramas, trocadilhos, palíndromos, escrita compulsiva etc.), cujo maior emblema é a escritura de Joyce.

Por fim, Maleval (2003, p. 39-56) ressalta os transtornos de identidade e a prevalência das identificações imaginárias, índices de uma falha no nó do imaginário em suas conexões com os demais registros: "(...) parece que um efeito maior da perda da sustentação do eu seja uma propensão deste a se deixar capturar por outras imagens especulares [restrição ao eixo narcísico a-a' do esquema L de Lacan]; daí a associação freqüentemente notada entre os transtornos de identidade e a prevalência das identificações imaginárias" (idem, p. 39; tradução nossa). Mais do que a despersonalização, são os **fenômenos de transitivismo** nos psicóticos que aparecem no núcleo da clínica da falha e dos esforços de compensação do eu. Em *De uma questão preliminar...*, Lacan assinala que para impedir a falha da fantasia fundamental, que arrisca deixar o sujeito sem orientação na existência, o psicótico procura por qualquer identificação que lhe permita assumir o desejo da mãe (Lacan, [1959], p. 572). As **identificações imaginárias** não sustentadas pelo "traço unário" (significante mestre) constituem um sinal clínico de primeira ordem, pois respondem aos dois critérios exigidos para o discernimento da psicose ordinária: elas testemunham uma falha

desses distúrbios" (Lacan, [1955-56], p. 109; grifo nosso).

[14] Sobre esse aspecto, ver o caso de Gérard Primeau (ou "Geai Rare Prime Au") de uma "psicose lacaniana", apresentada por Lacan [1975], durante uma de suas apresentações de pacientes.

[15] Vide a gafe de Lacan, em seu seminário sobre as psicoses, ao atribuir a um paciente psicótico o suposto neologismo *galopiner*, quando, de fato, trata-se de um termo regional francês que se encontra em Émile Zola (Miller et al., [1999], p. 212).

subjetiva e a compensação desta. A carência do significante mestre manifesta-se por certa inconsistência das identificações, mas também pelo pouco peso das significações carregadas pelo sujeito, o que alguns autores traduzem por um sentimento de ser vazio. Ao não se orientar sobre um ideal comandado pelo significante mestre, o sujeito encontra-se perdido em sua própria existência, alienando-se de bom grado ao outro especular. Tais sujeitos aproximam-se do modo de funcionamento "como se", descrito por H. Deutsch, tendo como ponto comum entre si a espantosa plasticidade das identificações, algo semelhante ao que Miller designou por "ser puro semblante" (Miller et. al., [1999], p. 29). Assim, uma relação amorosa bem sucedida, um devotamento ao trabalho ou aos estudos, a participação em seitas e em partidos políticos, a opção pela rígida carreira militar ou religiosa, todas essas normatizações contribuem com identificações imaginárias estáveis, que permitem ao psicótico enquadrar sua existência e evitar o desencadeamento clássico de sua psicose. E as identificações são tanto mais estáveis quanto mais elas portem o ideal e estejam em conexão com o real, limitando e localizando o gozo do psicótico.

3.2. *Do sintoma ao sinthoma*

A psicose tornou-se o paradigma da psicanálise no último ensino de Lacan, a partir de suas incursões sobre o que seria futuramente nomeado "foraclusão generalizada" e "pluralização do Nome-do-Pai". Trata-se da chamada "clínica borromeana", cujo apogeu encontra-se na análise do *sinthoma* joyceano, empreendida por Lacan em meados da década de 1970[16] (Lacan, [1975-76]).

Dada a incompletude do Outro — escrita por S (A barrado) — e a correlata foraclusão generalizada, a função paterna aparece como um quarto termo, ligado à nominação, capaz de suplementar os outros três (R. S. I.) e de articulá-los de modo borromeano, na neurose. Como falta a referência no campo da linguagem, o Nome-do-Pai é ele próprio uma suplência, equivalendo-se ao sintoma ($\sum \equiv P$), na medida em que participa de certa impostura.

> O Nome-do-Pai não é algo inerente à linguagem, é algo que alguns sujeitos constroem e outros não, e os que o constroem não são menos delirantes que os

[16] O *sinthoma* (grafado com "th") é um sintoma cuja função é manter juntos o real, o simbólico e o imaginário (R. S. I.). A clínica borromeana é a clínica das possibilidades de amarrações entre tais dimensões da experiência subjetiva.

> outros porque o Nome-do-Pai já é um delírio. Acreditar no sentido das palavras é delirante. A partir da foraclusão generalizada, aceitamos o delírio compartilhado que o coletivo nos oferece. **Os que não acreditam nisto, os que não acreditam nem no Nome-do-Pai nem nas palavras se enganam menos que os que acreditam, mas o preço a pagar é muito caro**. Por isso, Lacan chama seu *Seminário XXI*, *Os não-tolos erram*, que em francês [*Le non-dupes errent*] é homofônico com os Nomes-do-Pai: **os que não se enganam, os que percebem a balela do Nome-do-Pai, os que não são tolos neste sentido são condenados a errar, procurando suas próprias soluções por não querer entrar no delírio coletivo**. (...) o exemplo mais claro deste delírio coletivo é a premissa universal do falo. O que pode ser mais delirante que a crença infantil de que as mulheres têm pênis? **Cada psicótico tem que fazer o seu próprio trabalho para construir seu próprio Outro**. O trabalho que o neurótico faz mais facilmente, acreditando num delírio compartilhado, *prêt-à-porter*, por assim dizer, o psicótico tem que construí-lo sozinho (Jimenez, 2004, p. 83; destaque nosso).

A foraclusão do Nome-do-Pai na psicose assinala a carência dessa suplência paterna, a qual pode ser compensada por outras formas de suplência (no âmbito da pluralização do Nome-do-Pai), implicando, todavia, certa degradação de sua função. Eis o preço a ser pago pelo psicótico ao sustentar sua heresia ao Nome-do-Pai! A suplência, escrita pela função $\sum (x)$, é uma invenção singular do sujeito que opera uma pacificação do seu gozo, conservando o traço da falha a qual ela remedia; ela não equivale à castração e malogra em colocar em jogo o falo como operador simbólico. Na psicose de Joyce (suposta por Lacan), por exemplo, seu ego aplainado pelo *sinthoma* escritural supre a foraclusão do Nome-do-Pai restaurando um nó não-borromeano — trata-se do que Lacan denominou de "psicose *sinthomatizada*". Esta reconceitualização da psicose permite sair da lógica do modelo deficitário (foraclusão de um significante no Outro) para sublinhar a conexão do significante e do gozo e, portanto, certa impostura do pai como garantia do Outro. A norma edípica demonstra, assim, seu caráter não essencial e sua impotência para regular o gozo pela lei e pelo ideal. A clínica borromeana não possui como garantia o Outro prévio, tratando-se, pois, de uma clínica continuísta[17], para-além do Édipo; Joyce é um exemplo emblemático de que se pode prescindir do Nome-do-Pai com a condição de dele se servir. Na clínica borromeana, as possibilidades de enodamento dos registros R. S. I. tornam-se o eixo clínico diretivo,

[17] No sentido de não haver uma descontinuidade radical entre as "estruturas" neurose e psicose; assinala-se certa continuidade entre ambas na medida em que elas representam duas saídas diferentes à mesma dificuldade do ser. "Tanto o francamente psicótico como o normal são variações (...) da situação humana, de nossa posição de falantes no ser, da existência do falasser", assinala Miller (In: Miller et. al., [1999], p. 202). A clínica borromeana promove uma espécie de igualdade de cada um tanto com relação ao gozo quanto com relação à morte, diluindo as fronteiras entre o normal e o patológico — daí a afirmação de Miller de que a Φ_0 e a P_0 são os extremos da curva de Gauss, que apresenta o real das coisas humanas (Ibid., p. 216).

que visa o tratamento dos modos de gozo via *sinthoma*; a ênfase recai nas invenções do sujeito em seu trabalho com a *lalíngua*[18], isto é, em sua capacidade para encontrar uma solução singular com vistas à criação de laço social.

A novidade trazida pelo conceito de psicose ordinária, segundo Maleval (2003, p. 7), é o foco na singularidade das suplências construídas pelos sujeitos psicóticos, que permitem sua compensação evitando o desencadeamento clássico; ou seja, enfoca-se o processo singular mediante o qual cada *falasser*[19] constrói sua suplência.

4. As neo-suplências: do significante à letra

Em seu sentido amplo, entende-se suplência como sinônimo de *sinthoma*, isto é, daquilo que mantém juntos o R., S. e I., incluindo nesse escopo o Nome-do-Pai. Já em seu sentido estrito, a suplência nas psicoses fala de um singular modo de tratamento *significante* do gozo do Outro; na ausência do Nome-do-Pai, tratar de servir-se dele enquanto função de nominação. É o que ocorre com Joyce, por exemplo:

> O sinthoma, o ego produzido por Joyce, vem reparar o erro no próprio lugar onde ele é produzido. O ego de Joyce é uma invenção literária. É o Nome-do-Pai no qual ele se apóia e utiliza justamente para fazer um nome. Com sua obra, com a ajuda da escrita em que o significante vem preencher o significado, ele fabrica o tecido imaginário que para ele não se sustentava no simbólico (Skriabine, 2009, p. 6).

[18] Em seu seminário *Mais, ainda...*, Lacan [1972-73] decompôs o conceito de linguagem em duas partes correlativas: *lalangue* e laço social.

LINGUAGEM

LALANGUE ◊ LAÇO SOCIAL

Grosso modo, Lacan designa *lalangue* (traduzido para o português por "lalíngua" ou "alíngua", caso se queira manter ou não a cacofonia original da expressão neológica francesa, associada à lalação do bebê) ao uso assemântico da língua, pautado na materialidade sonora dos significantes.

[19] *Parlêtre*, em francês, conceito introduzido por Lacan no seu *Seminário 22: R.S.I.* (inédito), que condensa a forma verbal "*parle*" (terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo falar) e o verbo "*être*", ser/estar, no infinitivo e substantivo. Ao transformar o *l'être parlant* (o ser falante) em *parlêtre* (falasser), em sua fase joyceana pós-lingüística, Lacan sugere uma espécie de ocultação do ser no ato da fala.

As psicoses ordinárias trazem à baila "novas suplências" ou "neo-suplências", cuja especificidade reside não mais no tratamento do gozo com recurso ao significante, mas sim com recurso à letra.

4.1. *Das muletas imaginárias às bricolagens duvidosas*

Em sua descrição do *typus melancholicus*, Tellenbach (1976) assinalou a "sobreidentificação com os papéis sociais" como uma de suas características mais marcantes. Castanet & De Georges (In Miller et. al., [1999], p. 40) destacam ser essa uma espécie de "suplência intercrítica" na melancolia[20], cuja fórmula se escreveria da seguinte maneira:

$$\frac{i\,(S, S', S'', S'''...)}{\cancel{\text{Nome próprio}}}$$

Contudo, a sobreidentificação não se confunde com o ideal do eu, antes representa o ideal de uma norma social encarnada ao pé da letra. Como assinala Éric Laurent, "a sobreidentificação normal sublinha que a norma de identificação está louca" (Ibid., p. 225). François Morel afirma que a identificação estaria do lado do significante, sendo flutuante, enquanto que a sobreidentificação teria um caráter fixo, estando do lado da letra: "Na identificação, o sujeito desempenha um papel, e sabe que o desempenha, pode então distanciar-se, pode apagar-se a respeito de seu papel. Na sobreidentificação, o sujeito *é* esse papel; se deixa de sê-lo, se entra em contradição com esse papel, já não é nada, e efetivamente desencadeia sua crise (...)" (Ibid., p. 236; tradução nossa). Nesse sentido, afirma Skriabine acerca das psicoses ordinárias:

> Conformar-se à forma perfeita, a ter o ar absolutamente normal, a comportar-se na vida quotidiana sem problemas particulares, não implica amarração. Se eu puder ousar, utilizarei esta metáfora: algumas gotas de cola ou mesmo dois ou três pedaços de fita durex podem ser suficientes. R, S e I parecem se sustentar bem juntos, até demais. O sujeito tem, às vezes, um aspecto excessivamente conveniente; não há qualquer margem entre o modelo socialmente esperado e a aparência do sujeito. Não vemos mais o sujeito, somente a aparência a qual ele se conforma. (...) Mas, esta ilusão, geralmente, não pode durar muito tempo, nem resistir a uma situação realmente conflituosa. Esses sujeitos mostram-se de repente particularmente preocupados com o olhar dos outros sobre eles. A

[20] Cabe ressaltar que a melancolia é considerada uma psicose atípica, sobretudo com relação aos seus modos de desencadeamento, aproximando-se, portanto, dos desligamentos e religamentos típicos das psicoses ordinárias.

> menor discordância no olhar outro sobre o sujeito é o mesmo que olhar do Pai que surge, e o sujeito desmorona (Skriabine, 2009, p. 9-10).

Deduz-se que a psicose ordinária aproxima-se do que alguns autores vêm chamando de "normopatias" ou patologias da normalidade[21], caracterizadas pela identificação dos indivíduos com a média, isto é, com as estatísticas da distribuição *normal* ou gaussiana. Não é à toa que, como já dito, Éric Laurent acentuou ser a psicose ordinária a psicose da atual era democrática, quando levada em consideração a psicose de massa (In Miller et. al., [1999], p. 224). **Arrisco-me a dizer que a psicose ordinária é a psicose da era da biopolítica** (Foucault, 2008)**, na qual o discurso do capitalista[22], sob a égide da governamentalidade neoliberal, reduz a vida a sua forma nua** (Agamben, 2002)**, produzindo indivíduos autômatos e rastejantes**.

Paradoxalmente, em seu esforço de singularização, autêntico imperativo de (re)invenção de si, o psicótico ordinário apega-se à norma e aos universais massificadores que lhe ditam as coordenadas da sua existência. Assim, frente à inexistência da relação (*rapport*) sexual[23], cabe, por exemplo, o recurso à série hollywoodiana *Sex and the City* ou mesmo à programação da MTV, que lhe fornecem modelos globalizados *prêt-à-porter* de exercício da sexualidade e de interação com o sexo oposto, os quais tendem a ser encarnados literalmente.

5. Considerações finais

Vimos que Schreber construiu sua suplência via metáfora delirante, assumindo o lugar da exceção (*A mulher* de Deus) por intermédio de toda uma complexa construção delirante que visa a colocar o imaginário ali onde falta o significante primordial. Marie-Helène Brousse assinala que a expressão "ordinária", que qualifica a psicose contemporânea, refere-se, também, a "comum", "banal", "não excepcional", no sentido do psicótico ordinário não se colocar no lugar da exceção que falta, a exceção do "pai que nomeia", faltante; assim, em seu delírio, extraordinário, Schreber se tornou *A*

[21] Trata-se aqui de mera aproximação e não de confusão entre tais conceitos.

[22] Lacan usou a expressão discurso do capitalista para se referir à contemporaneidade. O discurso do capitalista mostra a modificação do discurso do mestre efetuada pela ciência. Neste contexto, pode-se falar num sintoma moderno no qual o sujeito procura sua completude no consumo de objetos. Este modo de complementação do sujeito, alienando-o no consumo, fez Lacan dizer que o discurso do capitalista rejeita a castração.

[23] "Não há relação sexual", famoso axioma lacaniano, no sentido de não haver proporção [*rapport*] entre os sexos, dado que a diferença sexual não pode ser inscrita simbolicamente. Há sempre inadequação, desproporção [*non-rapport*], no encontro entre os sexos, o que demarcaria sua impossibilidade.

mulher que falta a Deus, tal como se pode encontrar outros pacientes que se devotam a ser o homem que pode seduzir ou satisfazer todas as mulheres. Essas posições de exceção correspondem à chamada "psicose extraordinária". Na psicose ordinária os pacientes não se consagrariam a encarnar eles próprios a função de exceção que falta na organização simbólica (Brousse, 2009, p. 7). As psicoses extraordinárias são, em alguma medida, respostas à exceção; ao contrário, a psicose ordinária não está indexada à exceção, mas procede de uma identificação à normalidade. Assim, as novas suplências, ordinárias, no âmbito da pluralização do Nome-do-Pai e da passagem do Um ao múltiplo, já não se condensam em metáforas delirantes, mas sim se deslocam em metonímias literais, com o correlato abandono do esforço de significação.

Segundo a Convenção de Antibes, o manejo clínico das psicoses ordinárias refletiria um trabalho de *tradução* (uma espécie de "esforço de poesia") da *lalíngua* do paciente com vistas ao enlaçamento social. Como assinala Danièle Rouillon: "A partir de um significante bruto, chegar a um S_1 civilizado, simpático, que fosse talvez, então, uma metonímia literal" (In: Miller et al., [1999], p. 308). O foco incide em S_1 isolado da cadeia significante; com isso, enfatiza-se o tratamento do gozo a partir da letra, isto é, do significante não articulado, que não significa nada, em detrimento da significação. Schreber pôde buscar a função do Nome-do-Pai sob a forma do ideal, do indivíduo excepcional; já aos psicóticos ordinários, a esses *não-tolos* que não deliram à moda clássica, imersos numa cultura de massa de personagens medíocres, resta-lhes a solitária errância metonímica, em seu périplo rumo à sustentação de si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. *Homo Sacer*: o poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

BROUSSE, M-H. A psicose ordinária à luz da teoria lacaniana dos discursos. *Latusa digital*, ano 6, n. 38, p. 01-16, set. 2009.

BRUNSWICK, R. M. [1928] Suplemento a la "Historia de una neurosis infantil" de Freud. In: GARDINER, M. *El hombre de los lobos por el hombre de los lobos*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1976, p. 179-221.

ESCARS, C. O homem dos diagnósticos da história de um dilema lacaniano. *Psicoses*, ano XXIV, n. 36, Rio de Janeiro, Escola Letra Freudiana, p. 121-142, 2005.

FREUD, S. *Edição* Standard *Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. [1911] Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides). Vol. 12, p. 15-89.

_____. [1913] Totem e Tabu. Vol. 13, p. 13-162.

_____. [1918] História de uma neurose infantil. Vol. 17, p. 15-129.

FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Lisboa: Vega editora, 1992.

_____. Nascimento da biopolítica. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

JIMENEZ, S. Clínica Lacaniana — foraclusão generalizada. In MURTA, A., MURTA C. e MARTINS, T. (Org.). *Incidências da psicanálise na cidade*. Vitória: EDUFES, 2004, p. 80-90.

LACAN, J. [1932] *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____. [1955-56] *O seminário, livro 3*: as psicoses. 2ª ed. rev. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. [1957-1958] *O seminário, livro 5*: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. [1959] De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 537-590.

_____. [1972-73] *O Seminário, livro 20*: mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. [1973] O aturdito. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 448-497.

_____. [1975] Uma psicose lacaniana: entrevista conduzida por Jacques Lacan. *Opção Lacaniana*, São Paulo, n. 26/27, p. 5-16, abr. 2000.

_____. [1975-76] *O Seminário, livro 23*: o sinthoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

LYOTARD, F. *A condição pós-moderna*. São Paulo: José Olympio, 1998.

MALEVAL, J-C. *Elements pour une apprehension clinique de la psychose ordinaire*. Séminaire de la Découverte Freudienne. 18-19 janvier 2003. Disponível em <http://w3.erc.univ-tlse2.fr/pdf/elements_psychose_ordinaire.pdf> Acesso em 30 de junho de 2010.

MILLER, J-A. et. al. [1999] *La psicosis ordinaria*: la convención de Antibes. 1ª ed. 4ª reimp. Buenos Aires: Paidós, 2009.

QUINET, A. *Psicose e Laço Social*: esquizofrenia, paranóia e melancolia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

RABINOVITCH, S. *A Foraclusão*: presos do lado de fora. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

SANTOS, T. C. Sobre os princípios da psicopatologia psicanalítica: sexuação e invenção. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund*., São Paulo, v. 11, n. 1, p. 55-68, março 2008.

SCHREBER, D. P. [1903] *Memórias de um doente dos nervos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

SKRIABINE, P. A psicose ordinária do ponto de vista borromeano. *Latusa digital*, ano 6, n. 38, p. 01-12, set. 2009.

SOLER, C. [1992] Estabilização da psicose. In: *O inconsciente a céu aberto da psicose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007, p. 193-208.

TELLENBACH, H. *Melancolía:* visión histórica del problema. Madrid: Morata, 1976.

VORUZ, V. Democracia e psicose ordinária. *Latusa digital*, ano 6, n. 38, p. 1-16, set. 2009.